

Sai o pasto degradado, entra lavoura

Extensas áreas que comportavam no máximo uma cabeça de gado por hectare dão lugar a atividades mais rentáveis

Tâmia Rubello

Estas são áreas de soja em Mato Grosso, principal produtor da leguminosa, deve crescer 200 mil hectares em relação à safra passada. Tudo em cima de pastagens degradadas. No noroeste de São Paulo, em Aracatuba, os canaviais avançaram, de cinco anos para cá, exclusivamente em áreas de pasto – a região, conhecida como Terra do Boi, vai deixando para trás o epíteto, dada a quantidade de usinas de açúcar e álcool que por ali se instalaram – pelo menos 15. Em Uberaba, no Triângulo Mineiro, as pastagens que têm resistido ao avanço da cana e, mais recentemente, do eucalipto, são as ocupadas por criações de bovinos de alta genética. Orestano do pasto, boa parte degradada, está sendo rapidamente “convertido”, jargão que no campo quer dizer “ocupado para lavoura”.

Restrições. O pasto tem se firmado como “a nova fronteira” agrícola num cenário em que se acentuam as restrições ao desmatamento e também em lugares nos quais, na verdade, já quase não há mata nativa a ser derribada. Além disso, dependendo da região e da distância em relação aos polos produtores, desmatar já não é economicamente viável. Área aberta para a expansão e o que não falta, aliás. Segundo estudo do professor da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz

Na fronteira, desmatamento ainda é a lógica

• Enquanto no Sudeste, Sul e Centro-Oeste a lógica de expansão de lavouras se modifica, com a dessecação do desmatamento e o avanço de atividades mais rentáveis sobre pasto degradado, no Norte – onde está a maior parte do Bioma Amazônia – e nos cerrados nordestinos, na região conhecida como **Mapão** (Maranhão, Piauí e Tocantins), além do oeste baiano, a remoção de vegetação nativa ainda impera. “É bom lembrar, porém, o benefício econômico que vem por trás disso”, ressalta André Meloni Nassar, do Iacon. De 2005 para cá, estudo do instituto aponta que, no Norte do País, 83% da floresta desmatada foi ocupada por pasto e 7% por lavouras anuais. No caso do **Mapão** e Bahia, 84% das áreas desmatadas foram ocupadas por lavouras anuais e 38% receberam pastagem. *r.f.a.*

(Esalq/USP), Gerl Sparovek, o País dispõe de 60 milhões de hectares de pastagens com elevadas na média agrícola, a maioria dos quais boa parte cedo ou tarde será convertida em lavoura para atender à crescente demanda mundial por alimentos.

Cana-de-açúcar. A conversão ocorre de maneira acentuada em algumas regiões, apontam estudos do Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais (Iacon), baseado em levantamentos do IBGE, Inpe, SOS Mata Atlântica, Probio e Lapig. No Sudeste, por exemplo, entre 2005 e 2008, o pasto foi a grande doador de terras para a expansão da cana-de-açúcar. De 1,7 mil



“SÓ CONTINUO NA PECUÁRIA POR AMOR”

O produtor Luís Felipe de Oliveira arrendou parte da fazenda para a cana-de-açúcar. Mas não teve coragem de se desfazer de todo o rebanho

A fazenda do produtor rural Luís Felipe de Oliveira, de Uberaba (MG), resume bem a transformação que vem ocorrendo na paisagem do

Triângulo Mineiro. Pecuária por tradição, está sendo obrigada a vender parte do rebanho de criação para arrendar 800 hectares de sua fazenda, uma das maiores do município, para a cana-de-açúcar. E já tem tam-

bém um plantio-teste de 35 hectares de eucalipto e 50 hectares de seringueiras, que iniciará a produção daqui a três anos. “A cana chegou forte por aqui, ocupando os pastos e, se os usineiros não se cuidarem, o

eucalipto vai engolir os canaviais”, diz Oliveira, lembrando da chegada de empresas de papel e celulose à região.

Dívidas. Sobre a situação de sua fazenda, foi com dor no coração que se desfez de 600 matrizes para colocar cana no lugar. “Vamos continuar com 400 fêmeas porque não amamos a pecuária. Cada bezerro que nasce na nossa mão é quase como se fosse um filho”, continua. “Mas será a única parte da fazenda que não dará prejuízo”, diz Oliveira, acrescentando, porém, que as dívidas acumuladas com a pecuária há cinco anos, além da neces-

sidade de reformar as pastagens – ao custo de R\$ 1 mil por hectare – o obrigaram a tomar a decisão de diversificar as atividades.

E prova, na ponta do lápis, seus argumentos: “Se eu tivesse de reformar 200 hectares de pasto, gastaria R\$ 300 mil num ano”, explica. “Numa situação de pasto degradado, é possível colocar 400 vacas nesta área, que produzirão cerca de 230 bezerros por ano, entre machos e fêmeas”, continua. “Se eu vender cada bezerro por R\$ 600, faturei R\$ 138 mil brutos, tirando-se daí cerca de R\$ 70 mil de despesas com o gado e de pessoal – ou seja, me sobravam R\$ 68 mil

de lucro líquido num ano, sobre os 200 hectares já reformados, sem contar a despesa anterior, de reformar o pasto.”

Ao arrendar para a cana, a única vez que a Oliveira R\$ 600 por hectare, ou seja, R\$ 180 mil ano pelos 300 hectares. “É um dinheiro durmo tranqüilo no travessão porque terá dinheiro suficiente para manter a minha família e outras famílias que dependem de mim”. *r.f.a.*

ficando, indo para confinamentos”, explica Ochluto, que arrenda 1.400 hectares no município para plantar cana. “Os pastos aqui comportam em média apenas 1 animal por hectare, quando o ideal seria 4 ou 5 animais/hectare. A cana dá mais lucro”, diz Ochluto.

Em Aracatuba, na mesma região, o presidente da Associação de Plantadores de Cana e produtor rural Fernando Girardi concorda com Ochluto. “Na última safra plantei 500 hectares e na próxima aumentarei a área de cana em mais 150 hectares”, diz Girardi. “Obrigatoriamente em área de pasto.”

Melhorias. Junto com a cana, detesta Girardi, vêm melhorias do solo, sociais e ambientais. “A cana exige mais adubação e calagem, além de plantio em curvas de nível”, diz o produtor. “Além disso, o setor canavieiro segue uma rígida legislação ambiental e nenhum projeto é aprovado se a lei não for seguida”. Assim, no episódio de Girardi, a região de Aracatuba só ganhou com a cana. “Onde só existia pasto degradado passou a existir uma terra rica, rentável e bem cuidada.”

Nos cerrados do Centro-Oeste, embora a compilação de dados do Iacon compreenda o período de 2005 a 2008 – “Quando a expansão da soja ainda não tinha sido tão acentuada”, explica o diretor geral do instituto, André Meloni Nassar, as pastagens já podem ser considera-

das as grandes doadoras de terras para a expansão das lavouras de grãos.

Segundo o presidente da Associação dos Produtores de Soja de Mato Grosso (Aprosoja-MT), Glauber Silveira, “nesso Estado dispõe de 6 milhões a 6 milhões de hectares de terras aptas à agricultura ocupadas com pasto”. Na safra passada, Silveira diz que 100 mil hectares de pasto já foram convertidos, sobretudo no oeste. “Nesta safra devemos incorporar 200 mil hectares de pasto para a soja”, calcula Silveira, acrescentando que este número poderia ser maior, pois “há muitos pecuaristas que resistem em arrendar área e não dispõem de capital necessário para investir em lavouras de grãos”. Para Silveira, se o mercado continuar bom para os grãos, “a incorporação de pastagens continuará a ser a grande tendência”.

Integração. Em Canarana, nordeste de Mato Grosso, região tradicional na pecuária, o vice-presidente do Sindicato Rural, Afrlando Cancian, cultiva, na última safra, 450 hectares de soja. Na próxima, serão 600 hectares, cuja diferença usará em pastos degradados.

Além de agricultor, Cancian é pecuarista e aproveita para recuperar pastos com lavoura, no sistema de integração lavoura-pecuária. “Produzo soja, milho, sorgo e milho e tenho 700 cabeças de gado de corte”, explica. “Quando sai a lavoura, entra o gado nos restos de cultura. Assim vou recuperando a pastagem”. *r.f.a.*

• Lucratividade

NILSON DE SOUZA OCHLUTO

“Os pastos por aqui (em Andradina, SP) comportam em média 1 animal por hectare, quando o ideal seria 4 ou 5 animais/ha. A cana dá mais lucro.”



chão de hectares sobre os quais a cana avançou – a área total plantada saltou de 1,6 milhões de hectares para 5,5 milhões de hectares no período, segundo o

IBGE –, nada menos que 900 mil hectares foram cedidos pelas pastagens – ante cerca de 600 mil hectares pelas lavouras anuais e apenas 5 mil hecta-

res pelas áreas de mata nativa. O município de Andradina, na região de Aracatuba (SP), com cinco usinas de açúcar e álcool e 140 mil hectares de ca-

na – “Sendo 98% dos canaviais instalados em pastagens degradadas”, afirma o diretor da Associação de Formecedores de Cana da Alta Noroeste (Afo-

can), Nilson de Souza Ochluto –, deve expandir suas lavouras de cana em 15 mil hectares em 2011. “Tudo sobre pasto”, afirma. “A pecuária está se intensi-

ficando, indo para confinamentos”, explica Ochluto, que arrenda 1.400 hectares no município para plantar cana. “Os pastos aqui comportam em média apenas 1 animal por hectare, quando o ideal seria 4 ou 5 animais/hectare. A cana dá mais lucro”, diz Ochluto.

Em Aracatuba, na mesma região, o presidente da Associação de Plantadores de Cana e produtor rural Fernando Girardi concorda com Ochluto. “Na última safra plantei 500 hectares e na próxima aumentarei a área de cana em mais 150 hectares”, diz Girardi. “Obrigatoriamente em área de pasto.”



Além de agricultor, Cancian é pecuarista e aproveita para recuperar pastos com lavoura, no sistema de integração lavoura-pecuária. “Produzo soja, milho, sorgo e milho e tenho 700 cabeças de gado de corte”, explica. “Quando sai a lavoura, entra o gado nos restos de cultura. Assim vou recuperando a pastagem”. *r.f.a.*

Do total de 1,89 milhão de hectares do município, 450 mil hectares são de pasto, a maior parte precisando de reforma, diz o produtor. “É a mesma área que plantio de grãos, sobretudo o de soja, crescerá por aqui, de 125 mil hectares na safra passada para 150 mil hectares na próxima safra”, continua Cancian, acrescentando que a recuperação de pastagens tem ocorrido desta forma, com lavoura em cima. “Acho importante recuperar pastos”, diz. “Assim, é possível colocar mais animais por hectare e ter renda maior também na pecuária.”